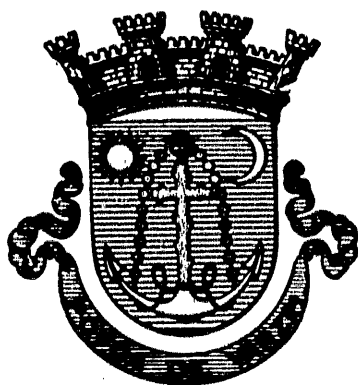


# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



NÚMERO COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO  
DO NASCIMENTO DE ROCHA PEIXOTO

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

Há muito que estudar e poucos  
são os que trabalham; mas  
embora fossem muitos, Portugal  
chega para todos.

ROCHA PEIXOTO

(1866 — 1909)

*Neste ano em que se celebra o I centenário do nascimento de Rocha Peixoto, não podia o Boletim Cultural Póvoa de Varzim deixar de lembrar, condignamente, a figura do brilhante e erudito poveiro que tanto amou a sua terra natal e tanto a prestigia. É fá-lo não só tendo em conta a categoria científica do homenageado, polígrafo notável e etnógrafo dos grandes, mas recordando também o sentido pedagógico do seu exemplo — uma inteligência aberta e uma vida dinâmica postas por inteiro ao serviço da colectividade!*

*Com alegria e persistência foi organizado o presente número do Boletim. Ele não existiria, porém, sem o precioso auxílio dos seus ilustres colaboradores, aos quais os melhores agradecimentos, antes de mais nada, são devidos. Merecem especial relevo a imediata boa vontade com que estes estudiosos aceitaram o convite que se lhes dirigiu e o tema que individualmente se lhes propôs, o entusiasmo com que se sujeitaram a trabalhos de investigação, a concordância que sempre deram a sugestões e pedidos. No meio das cansativas solicitações profissionais e sociais que os cercam, provaram tão distintos e generosos colaboradores o seu apreço pela lição de Rocha Peixoto. Alguns responderam mesmo que, por se tratar de uma homenagem ao activo obreiro da Portugalia, lhes não seria possível apresentar quaisquer argumentos justificativos de uma escusa! Embora. Porque a todos muito se fica devendo, aqui se renova, públicamente, a expressão do mais fundo reconhecimento.*

*Num preito de saudade, registre-se ainda o inesperado desaparecimento, pela força da morte, de outros dois colaboradores que haviam*

sido escolhidos: o crítico de arte Dr. Manuel de Figueiredo, director do Museu Nacional de Soares dos Reis, que ia evocar a acção de Rocha Peixoto no antigo Museu Municipal do Porto, e o etnógrafo D. Sebastião Pessanha, que concordara em testemunhar a influência do autor de *As Olarias de Prado* na geração da revista *Terra Portuguesa*. É de lamentar a falta destes prometidos estudos. O Porto, na verdade, anda actualmente esquecido daquilo que o Museu Nacional de Soares dos Reis deve ao esforço de Rocha Peixoto aquando conservador do desaparecido Museu Municipal da cidade. E de como a Portugalia influiu na formação ergológica da gente da *Terra Portuguesa*, D. Sebastião Pessanha — então o mais representativo sobrevivente dos colaboradores da última revista — ainda pôde declarar, a quem subscreve estas linhas, em carta de 3 de Outubro de 1965: «Há 50 anos, a Portugalia e o núcleo famoso dos seus dirigentes e colaboradores bailavam no espírito de todos nós, e a *Terra Portuguesa* não foi mais, ou pretendeu ser, do que uma sua continuadora».

Inicialmente pensou-se publicar os artigos deste número pela ordem alfabética do nome dos seus autores. Todavia, nem todos os originais chegaram a tempo de, ao começar-se o trabalho da impressão, se poder respeitar aquele critério. Resolveu-se, assim, seguir uma ordenação diferente, onde, em certa medida — e dentro das possibilidades permitidas pela sucessiva chegada dos originais —, se analisa o desdobrar das principais actividades de Rocha Peixoto.

De assuntos diversos, e escritos, em geral, por especialistas, os artigos agora publicados trazem importantes elementos para um conhecimento mais perfeito da obra e do carácter do mestre das

Formas da vida comunalista em Portugal. Bom é que tais elementos sejam dados à luz na *Póvoa de Varzim*, e numa publicação periódica local. Rocha Peixoto dedicou o maior interesse e carinho à terra em que nasceu, justificando todas as homenagens dos seus contemporâneos. Por isso já num número anterior do *Boletim* se recordou algo do que o cientista fez pela *Póvoa*. Mas a própria história cultural da povoação lhe ficou ligada! Efectivamente, em Rocha Peixoto teve início o movimento de investigações etnográficas que, depois, atrás de Cândido Landolt e de Santos Graça — ambos incitados pelo autor das *Notas sobre a Malacologia Popular* —, jamais deixou, praticamente, de existir na vila. Da divulgação dos estudos históricos de Alberto Sampaio, na qual Rocha Peixoto se empenhou, surgiu entre os poveiros a valorização do período medieval da sua terra e o conceito da fundamentação socio-económica dos acontecimentos do passado — aspectos de que Manuel Silva viria a ser o ensaísta mais acabado. Por outro lado, o zelo posto pelo homem da Portugalia na exploração e defesa do património arqueológico e artístico da vila e do concelho despertaram curiosidades que ainda ecoam em Fernando Barbosa. E não esqueçamos as investigações que, inspiradas nos textos dos pesquisadores locais, foram realizadas, sobre temas poveiros, por estudiosos de fora da *Póvoa de Varzim*.

Verdadeira imortalidade é esta, a de um espírito se projectar, no tempo, através do pensamento e do trabalho das gerações que se lhe sucedem.

Flávio Gonçalves



ANTÓNIO AUGUSTO DA ROCHA PEIXOTO

Retrato a crayon de António Carneiro, datado de 1915, que se encontra na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto (Póvoa de Varzim).

## Os Avós de Rocha Peixoto

### ÁRVORE DE CINCO GERAÇÕES

por EUGÉNIO DE ANDREA DA CUNHA E FREITAS

*António Augusto da Rocha Peixoto*, arqueólogo, etnógrafo, cientista, de que se está lembrando o centenário do nascimento, vinha de uma família apenas saída do povo — daquele bom povo do Minho que ele com tanto amor estudou na sua breve, mas tão proveitosa vida.

No curto espaço de tempo que nos foi dado, não foi possível recuar muito longe os ascendentes de Rocha Peixoto.

Nem mesmo confirmar ou refutar uns apontamentos genealógicos que pertenceram ao Dr. José de Sousa Machado, de que temos conhecimento por uma carta do senhor Dr. Manuel Braga da Cruz, ao Dr. Flávio Gonçalves, e donde se infere que «um senhor Diogo Luís Peixoto, de Amarante, teria ido casar a Gondoriz (Arcos de Valdevez) com senhora dali e teria tido dois filhos, um medico (Dr. José Bento da Rocha Peixoto), que teria ficado na casa mãe, e outro, Bacharel em Direito, que se fixou na Ponte da Barca. A ida do Diogo para Gondoriz deve ter tido lugar no final do séc. XVIII, ao que suponho».

Efectivamente, Diogo Luís Peixoto — não consta documentalmente que fosse médico — casou em Gondoriz com Luísa Maria da Rocha (n.º 8 e 9 da Árvore ao diante), aqui viveram um tempo e tiveram pelo menos 3 filhos: José Bento (n.º 4 da Árvore), Manuel Bento, nascido a 10.4.1767 e Luís Manuel, nascido a 27.X.1770 (A. D. B., L.º 3.º de Nasc. de Gondoriz, fls. 138 e 177) Diogo Luís viera de Braga, filho, parece que ilegítimo, de um Luís Peixoto e de uma Joana Maria (n.º 16 e 17 da Árvore). Se estes Peixotos eram ou não de Amarante, não o pudemos averiguar, apesar de muitas pesquisas feitas nesse sentido nos registos paroquiais de Braga.

Também do filho José Bento não encontramos o assento de

nascimento, em Gondoriz, ainda que nos de seus dois filhos se declara ser dali natural e morador, mas não que fosse médico, como diz o apontamento do Dr. José Machado. Foi-o, sim, o filho, o Dr. António Luís da Rocha Peixoto (n. 2 de Árvore) que veio casar a Vila do Conde e estabeleceu-se depois na Póvoa, onde faleceu em 12-X-1874 depois de uma vida de trabalhos e sacrifícios, de constante fidelidade aos seus ideais políticos e principalmente ao seu Príncipe, El-Rei D. Miguel I.

Quando e onde nasceu este Dr. António Luís? Segundo o assento de baptismo do filho António Augusto, e o do seu óbito, seria natural de Vila dos Arcos, e aí teria nascido por 1804.

Uma fotografia, tirada em Setembro de 1896, por Rocha Peixoto, hoje na posse do Sr. Coronel José da Rocha Peixoto, de Ancede, sobrinho do etnógrafo, tem no verso, pelo próprio punho deste, a legenda seguinte: «casa onde nasceu o Dr. António Luís da Rocha Peixoto, em Arcos de Vale de Vez, Rua de S. Bento, 53». Encontrámos, porém, o seu nascimento, em 12-3-1799, na freguesia de Gondoriz, onde seus pais viviam (A. D. B., L.º 5.º de Nasc. de Gondoriz de 1786/1833, fl. 97 v.).

Como explicar esta discordância? Teria havido dois filhos de José Bento, ambos António Luís? Ou teria ele ido pequeno para a vila, e aí o dessem, por isso, como nascido?

Problema talvez não insolúvel, se tivéssemos tido tempo para o esclarecer.

E por aqui nos ficamos, apresentando uma árvore de cinco gerações (3.º Avós) do grande sábio que a Póvoa justamente hoje recorda e celebra, como filho seu muito ilustre e muito querido.

Azurara, Casa Grande

Maio de 1966

### OBSERVAÇÕES

Na organização da árvore de costados de Rocha Peixoto, seguimos o sistema germânico, numerando todos os indivíduos nela incluídos, de modo que para achar a filiação de cada um se multiplica o número deste por dois (indicando assim o pai) e depois somando mais um (obtendo o nome da mãe).

Assim, por exemplo, o Dr. António Luís da Rocha Peixoto (n.º 2), era filho de José Bento (n.º 4) e de Josefa Maria Narcisa de Queiroz (n.º 5).

A. D. B. e A. D. P. significam, respectivamente, Arquivo Distrital de Braga e Arquivo Distrital do Porto, onde se conservam os antigos livros de registo paroquial dos respectivos distritos.

Com \* significamos nasceu — com × casou — com † morreu.

As outras abreviaturas e sinais não carecem de explicação.



D. Constança Amélia da Costa Pereira Flores, mãe de Rocha Peixoto (Cliché de António José de Barros, Póvoa de Varzim).



Dr. António Luís da Rocha Peixoto, pai de Rocha Peixoto (Retrato a crayon da autoria de Verissimo da Rocha Teixeira Soares).



## 1.ª GER.:

1. *António Augusto da Rocha Peixoto*, \* na Póvoa de Varzim a 18-5-1866, (L.º de Bap. de 1866, fl. 55, n. 161) — o eminente arqueólogo, etnólogo e cientista.

## 2.ª GER.:

2. *António Luís da Rocha Peixoto*, médico militar \* em Gondoriz (Arcos de Valdevez), a 12-3-1799 (A. D. B., L.º 5.º de Nasc., de 1786 / 1833, fl. 97 v.) + na Póvoa de Varzim, a 12-X-1874.
3. *D. Constança Amélia da Costa Pereira Flores*, \* em Vila do Conde, a 12-X-1825 (A. D. P., L.º de Nasc. de 1824/1832, fl. 17). × em Vila do Conde a 13.XII.1846, sendo ele viúvo de *D. Mariana Rita de Meneres* (L.º resp.º, fl. 110 v.).

## 3.ª GER.:

4. *José Bento da Rocha Peixoto*, dizem ter sido médico, mas não encontramos prova documental, nem o assento do seu baptismo em Gondoriz, onde afirmam ter nascido, e onde viveu no lugar da Costa.
5. *Josefa Maria Narcisa de Queiroz*, \* em Sabadim (Arcos), no lugar do Souto, a 17-8-1770 (A. D. B., L.º 5.º de Nasc. de 1769/1803. fl. 7).
6. *José Pedro Ribeiro de Carvalho*, \* em Arco de Baúlhe a 23-7-1801 (A. D. B., L.º de Nasc. de 1797 / 1810, fl. 34 v.).
7. *D. Maria Cândida Pereira Flores*, \* em Vila do Conde a 29-5-1785 (A. D. P., L.º de Nasc. de 1768 / 1787, fl. 215 v.) × em Vila do Conde a 20-9-1822 (A. D. P., L.º de Cas. de 1766 / 1830, fl. 264 v.).

## 4.ª GER.:

8. *Diogo Luís Peixoto*, ou de *Araújo*, dizem ter sido médico, viveu em Gondoriz, e depois em Braga.

9. *Luisa Maria da Rocha*, ilegítima, \* em Gondoriz.
10. *José Narciso*, de quem não constavam pais, nem pátria certa, foi do Porto viver a Sabadim, na companhia de Fernando Palhares Brandão, da Quinta da Boiça, sendo de 7 para 8 anos.
11. *Rosa Maria*, ou *Rodrigues* \* em Sabadim, aí × a 15-7-1763 (A. D. B., L.º 2.º de Cas., de 1733 / 1802, fl. 84 v.).
12. *José Ribeiro de Carvalho* \* em Arco de Baúlhe a 19-2-1768 (A. D. B., L.º de Nasc. de 1725 / 1772, fl. 197 v.).
13. *Teresa da Guerra*, do lugar da Pereira, em Arco, ilegítima.
14. *Domingos António da Costa Carvalho e Flores*, viveu em Vila do Conde, na Rua dos Mourilheiros, aí \* a 17.1.1757 (A. D. P., L.º de Nasc. de 1741/1758, fl. 449 v.).
15. *D. Maria Engrácia de S. José* \* em Vila do Conde, ilegítima. × na mesma vila a 8.X.1780 (A. D. P., L.º de Cas. de 1766/1830, fl. 46 v.).

## 5.ª GER.:

16. *Luís Peixoto*, morador em Braga, na freguesia da Sé.
17. *Joana Maria*, de Aboim de Rossas.
18. *Leonel da Rocha*, morador em Gondoriz, no lugar da Portela, homem casado (com *Ana Taveira* a 4.5.1729. A. D. B., L.º 1.º de Cas., de 1716/1757, fl. 32 v.).
19. *Antónia Rodrigues*, mulher solteira, de Gondoriz.
20. { incógnitos.
21. {
22. *António Fernandes*, de Ponte de Lima.
23. *Maria Rodrigues*, de Sabadim, ilegítima.
24. *Francisco Ribeiro*, morador na Rua do Arco, em Baúlhe \* em Vila Nune.

25. *Maria Carvalha*, do lugar da Pedra, no Arco de Baúlhe.
26. *José de Andrade*, do lugar da Pereira, no Arco de Baúlhe.
27. *Teresa da Guerra*, mulher solteira, da mesma freguesia.
28. *António da Costa Carvalho*, morador em Vila do Conde, na Rua do Garcez.
29. *Quitéria Maria de Jesus*, da mesma vila.
30. *João Rodrigues Pereira*.
31. mãe incógnita.



Rocha Peixoto menino  
Ciclo de M. Fritz (Porto)